

Sete Cromos para Breves: a poesia de Jerusa Pires Ferreira

Edil Silva Costa
UNEB

Resumo:

O livro *Sete Cromos para Breves* reúne poemas de Jerusa Pires Ferreira provocados por suas viagens à Amazônia paraense e fortemente inspirados na natureza da região. Procura-se analisar o livro editado em 2010, tentando captar a atmosfera amazônica e as leituras que a autora faz dessa parte do Brasil. Para tanto, foram selecionados alguns poemas, com intuito de apresentar a obra poética e uma face da pesquisadora ainda pouco conhecida do público.

Palavras-chave: Amazônia; Jerusa Pires Ferreira – poesia; crítica literária.

Caminhos que se cruzaram: sertão e floresta

Jerusa Pires Ferreira partiu no período da Páscoa. Talvez nos acalente um pouco pensar que sua ida em tempos espiralados de ressurreição inverta as emoções de perdas e desesperanças. O vazio da partida é preenchido pelo sentimento (quem sabe comum a todos que conviveram com ela) de inacabamento, sensação de espera e presença. Isso porque foram sempre muitos planos de modo que, como uma epígrafe pairando sobre nossas cabeças, os versos camonianos nos acompanhavam: “se não fora para tão longo amor tão curta a vida!” Esses versos nos remetem à lembrança dos tempos iniciais de sua carreira na Universidade Federal da Bahia como professora de Literatura Portuguesa, caminhos que a levaram às conexões da Idade Média com o sertão, coroada na parceria com o medievalista Paul Zumthor, de quem apresentou a obra ao Brasil.

Fonte que não secava, assim era Jerusa e por isso talvez tivéssemos a ilusão de que sua vida seria inesgotável. Mesmo nos momentos mais difíceis de sua frágil situação humana, muitos planos e ideias. E sempre nos incluindo, mesmo sabendo da pequenez de nossos recursos intelectuais e materiais, marca de uma generosidade que só os grandes possuem.

Em abril de 2015, durante os Seminários de Pesquisa na UNEB e UEFS¹⁷, juntamente com o Prof. Dr. Cláudio Credson Novaes, então coordenador do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UEFS, promovemos o Encontro Internacional Sertões, Memórias e Oralidades. Jerusa Pires Ferreira, além de homenageada nos seminários, foi também a inspiração do encontro que, itinerante, fez transitar entre o agreste e o sertão pesquisadores oriundos de todas as regiões do Brasil. Como ela, movente, sempre em trânsito pelo mundo e não se deixando rotular por simples identidades.

Na ocasião, conseguimos reunir em Feira de Santana, sua terra natal, e Alagoinhas um bom número de ex-orientandos de Jerusa, continuadores de sua obra, e nossos orientandos. O evento, embora modesto, desenhou uma imagem da força de sua presença em nós, em nossas pesquisas e em nossas vidas pessoais. Contamos com participação dela virtualmente e a foto capturada na ocasião é emblemática. A imagem de Jerusa projetada no telão, superlativa, sorridente, central. E nós em sua volta, irmanados, como as contas de um rosário que se posicionou em torno dela. Foi um momento de muita alegria dialogarmos com ela e perceber o quanto sua presença era (e é) norteadora em nossas vidas.

Para honrar sua memória e agradecer por sua vida, inventamos maneiras e nos questionamos como seria possível fazer jus a tudo que ela representa para nós. Basta uma espiadela para perceber que não precisamos nos esforçar para manter viva sua memória. A cada linha que escrevemos, a cada passo que avançamos nos estudos das poéticas orais e das culturas populares no Brasil e mundo a fora, lá ela estará, nos norteando como Estrela de Belém.



Seminário na UNEB/Alagoinhas, abril de 2015. Fonte: acervo pessoal

¹⁷Universidade do Estado da Bahia e Universidade Estadual de Feira de Santana.

Por essa razão, não irei por ora me debruçar sobre sua obra como estudiosa das poéticas orais que tanto me ajudou nas minhas reflexões sobre o tema. São muitos os seus “filhos” que poderão falar disso mais e melhor do que eu que a cito e incluo em todos os meus trabalhos e nos de meus orientandos, seus “netos e bisnetos”. Não que não valha a pena ou não seja importante, mas porque isso vem sendo feito cotidianamente.

Na verdade, o que eu gostaria mesmo é de me calar e deixar sua voz manifestada. Assim me sentiria mais em comunhão com a pessoa que não se foi, mas estará sempre presente. Para isso quero trazer a poesia de Jerusa Pires Ferreira.

Deparei-me com o livro *Sete Cromos para Breves* há alguns anos e logo vi que se tratava de uma relíquia. Impresso em 2010, com tiragem de apenas cem exemplares, tamanho de bolso, elegante, em papel reciclado, a coletânea transpira cuidado amoroso em sua edição. Os sete poemas homenageiam em Breves, a cidade na Ilha do Marajó, no Pará, que guarda muitas distâncias da Bahia e do sertão.

É importante dizer que as expedições que proporcionaram o encontro com a dimensão amazônica do Brasil aconteceram no âmbito do projeto IFNOPAP (Imaginário nas Formas Narrativas Orais na Amazônia Paraense) e do Campus Flutuante, coordenados pela professora Maria do Socorro Simões, da Universidade Federal do Pará. Isso está revelado na dedicatória, quando cita a referida professora e acrescenta: “com a gratidão pela oportunidade e afeto”. Esclareço que as expedições do IFNOPAP reuniam em um evento itinerante pesquisadores de diversas áreas do conhecimento em um roteiro que quase sempre incluía festas religiosas, visitas a comunidades tradicionais e oficinas em escolas das cidades em que o barco aportava. O Campus Flutuante é uma experiência acadêmica incomum que deixa marcas em quem nela embarcou. Jerusa participou por diversas vezes dos encontros do IFNOPAP e contribuiu com o projeto de muitas maneiras, relatando em várias ocasiões suas experiências. Os poemas são uma outra forma de mostrar esse entrelaçamento da vida acadêmica com a pessoal, traduzindo em versos as impressões de seu olhar viajante.

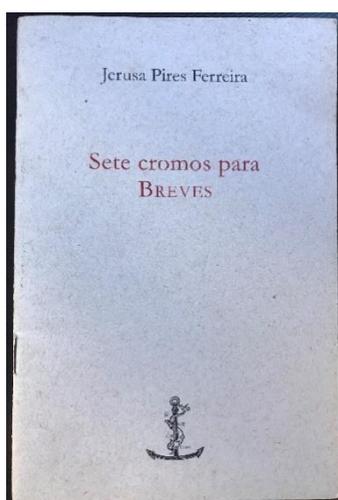
Como a autora mesmo diz na dedicatória do livro, trata-se de um “testemunho poético do amor pelo Pará”. Assim, os sete cromos são também cantos de amor à Amazônia, de modo a nos fazer conectar com os diversos brasis ali representados.

“Ao olhar o rio” fluem sete poemas de amor à Amazônia

A poesia escorre nas páginas de *Sete Cromos para Breves* e vai descortinando o olhar do leitor e o envolvendo em um ambiente amoroso. Isso porque o afeto que se apresenta no singelo livro é fruto de vivências na Amazônia paraense, carregadas de

descobertas e espanto. Nas últimas páginas, em uma breve apresentação do lugar para um leitor forasteiro, é dito: “Houve momentos em que tive presente um *Bye-Bye Brasil* eletrônico e, em outros, a nostalgia dos lugares edênicos, ao olhar o rio” (PIRES FERREIRA, 2010, 25). Essas palavras, síntese de sensações que compartilhamos, prova que a viajante foi tocada pelas imagens do Brasil profundo, dos rios, sertões e encantados. Mas não passa ao largo a cultura popular e massiva, preocupações que a envolveram desde cedo, ainda na Bahia, e que ela carregou ao longo dos anos para sua vasta obra, nos alertando para a complexidade da vida pulsante nas culturas brasileiras. Por isso, entendo a poesia de Jerusa não desconectada de sua obra acadêmica nem tampouco da vida.

Após o último poema, “Breviário”, há a datação “Breves/São Paulo, 20/09/2010”, indicando que a obra foi escrita em trânsito, que começou a ser gestada no Marajó, mas só concluída em São Paulo. Esse trânsito nos diz muito da situação em que foi formulado o livro. Com uma linguagem limpa e fluida, os poemas do livro nos remetem à atmosfera amazônica em sua leveza, sem deixar de nos impactar com as cenas marcadas por diferenças e surpresas.



Capa do livro. Fonte: acervo pessoal

No conjunto dos poemas, imagens recorrentes nos fazem mergulhar na atmosfera amazônica, tanto no ambiente como nos seres que o habitam: rio, águas, rede, bem-te-vis, pedras, canoas, fé e festas. Nos versos, conexões e esgarçamentos, típicos do deslocamento. Cenas de viagem, os cromos são poemas flutuantes nos encaminhando para as leituras da paisagem e das sensações que o ambiente desperta no observador. Lembro-me do turista-aprendiz de Mário de Andrade. A paisagem amazônica congelada pelo olho-lente de sua pequena e potente Kodak, recortada nos pequenos quadrados no álbum de fotografias hoje em parte guardadas no acervo do IEB (Instituto de Estudos Brasileiros – USP). Mário de Andrade também se espantou nos seus encontros amazônicos, pantaneiros, nordestinos, barroquinos, de um Brasil pouco conhecido de si

mesmo. É esse olhar aprendiz que a poesia de Jerusa revela. A cada leitura um aperto no peito porque o olho que vê e o corpo que sente expressam a pequenez das coisas frente à magnitude da vida e do tempo. São cromos em embate com Cronos.

E assim, com a mesma cadência dos rios, as palavras fluem. O desprezo pela pontuação dá aos versos um ritmo líquido, as pausas são alcançadas pela quebra dos versos que na verdade não se rompem, mas seguem contínuos. Tampouco os poemas, em sua maior parte, são divididos em estrofes. O escorrer das palavras nos carrega junto para desembocar na amplitude, como se o fluxo do rio fosse a principal motriz. A força das águas e da grande natureza contrasta com a fragilidade humana diante do vivido. Falei da ausência de pontuação e quebra das estrofes. Tampouco há rimas ou metrificação. Os versos brancos em uma métrica livre acentua a fluidez incomum dos poemas. Mas não se engane o leitor com a aparente despreensão da linguagem. O texto é burilado para alcançar a simbiose entre palavra e coisa, natureza e cultura não são elementos díspares, se conectam intimamente e se fraturam dolorosamente, nos embates do homem com seu meio.

A imagem da rede, tão cara ao universo amazônico, merece destaque. Símbolo do estilo de vida dos nativos brasileiros, representa a instabilidade, algo suspenso no ar. A rede no barco é algo duplamente instável, flutuando no ar e na água. Como pode se fixar um sujeito dependurado em uma rede sobre as águas?

Delicadamente provocativo, o poema “Rede e Rio” nos coloca frente à instabilidade da vida:

Rede e Rio

Balançam na rede
triângulos de rostos
ângulos de pés
vê-los oscilar
fixando-se
no olho
em vai e vem
traz um ritmo
oferece um arremate

Temer que o laço
a corda se desfaçam ao peso
do corpo
e com ele escorram
a vida e o amor

para o fundo do rio
traz apenas a dor
imobilidade
final
(PIRES FERREIRA,2010, 13.)

O poema retrata o balanço da rede, com seu ritmo próprio, a um só tempo fixado e em movimento. A primeira parte do poema foca na frágil segurança do balanço; a segunda, no temor e insegurança que a situação traz. Mesmo o prazer do balanço ritmado pode ser atravessado pelo temor do rompimento, da corda, do corpo, da vida. Tudo pode ser tragado pelo fundo do rio. Este sim, soberano e constante. Porém, o sujeito poético nos instiga a viver na flutuação, pois é o medo que traz a dor e a morte. O medo das perdas, de não conseguir reter o amor e a vida que escorrem para as outras águas. O medo é o que pesa e força as cordas que sustentam a rede. Temer não deve, portanto, ser uma opção. Ou ao menos não deve ser motivo para deixar de usufruir da leveza e do prazer da vida.

Mas nem só a beleza edênica é captura pelo olhar atento do viajante. Nas expedições à Amazônia paraense os barcos de passageiros são comumente abordados por embarcações menores, a remo. Às vezes, apenas amarram uma corda e pegam carona no barco a motor e seguem até um ponto do rio próximo ao seu destino; outras, em uma espécie de romaria de pedintes, entoam um lamento doído, chamando os passageiros que atiram às canoas mantimentos ou dinheiro. Esse quadro triste reflete uma grave questão social que comove a quem visita as comunidades ribeirinhas da Amazônia e está presente no poema “Canoas”.

Canoas

Bem do fundo do rio
por baixo do grande barco
aportam pequenas criaturas
seu olhar de paciência
obstinação enigma
cresce em nós
um grande medo
de enfrentar
com calma os
que estão sobre o rio
e nem pacote atirado
em plásticos eterno-indestrutível
ou moeda prestes a afundar
poderão garantir
o futuro possível
ao som do remo
daquela menina e seu

irmãozinho de pés sujos
(PIRES FERREIRA, 2010, 21.)

A aproximação de pedintes, muitas vezes crianças, em pequenas e frágeis canoas, é uma cena comum na região. Parecem emergir “do fundo do rio/ por baixo do grande barco”, como que vindo de outro mundo, o mundo das águas e dos encantados. Os visitantes mais habituais já estão acostumados com a procissão triste. O poema retrata esse momento de aproximação. Os passageiros dos barcos atiram mantimentos e roupa envoltos em sacos para serem recolhidos pelos ribeirinhos e essa ajuda provisória acrescenta à floresta outro problema, a poluição do meio ambiente com “plásticos eterno-indestrutível”.

A cena incomoda ainda mais porque se sabe uma ação paliativa que não poderá garantir o futuro das crianças pedintes. O sujeito poético externa sua preocupação fixando o olhar na “menina e seu/ irmãozinho de pés sujos” como tantos outros que habitam as bordas da floresta e dela vivem. Brincam, navegam e sonham. Apesar de abordar um tema pesado, de injustiça social e desigualdade, o poema traz leveza quando evoca a inocência da infância refletida na criança que espera paciente. Retrata também o medo do outro, situação que exige coragem para enfrentar “com calma os/ que estão sobre o rio”.

E assim vai se tecendo um painel das impressões díspares e sensíveis de quem olha o rio, dividido entre a beleza natural majestosa e a grave situação de desordem social e de destruição do paraíso.

De linguagem refinada e elegante, os poemas são ao mesmo tempo cenas independentes e interligadas. Pela linguagem, seu trabalho incessante, a delicadeza e fragilidade prevalece de modo sutil sobre a dor da realidade. Mas o fio que conduz todos eles e que também conduziu essa leitura é a experiência da viagem pelo rio em que vários aspectos são descortinados.

Em “Breviário”, encontramos a questão religiosa. Sant’Ana, também padroeira de sua cidade natal Feira de Santana, é homenageada nesse poema numa referência à imagem da santa que recepciona os visitantes na chegada à cidade de Breves. A imagem em tamanho majestoso é talvez a primeira visão de quem chega ao porto de Breves e também seu cartão-postal.

Breviário

Santana festeja
a vinda
do grande barco
que acaba de
varar o estreito

vencer a morte
clarear a noite
em Breves de Marajó
o giro de um outro
este tão pequeno
no entorno
escreve partes do nome
da cidade santa
Jerusalém
traça um esboço
um destino
homem e mulher sob a lua
jesuítas e índios
negros caboclos e todos
Ao léu dos perigos
tantos barcos a passar
buscavam no escuro
orações-fortes
breves resumos amuletos
por isso a cidade festejada
antigo engenho dos irmãos
e o nome
que a eterniza
em seu aflito
pedido de proteção
que ela sobreviva
aos decibéis
aturdidores
e a tantas cobiças
(PIRES FERREIRA, 2010, 23-24)

A imagem bucólica de floresta e rio é maculada pela urbanização desordenada que assola a paisagem das cidades amazônicas. O barulho, a desordem, a cobiça dos homens destruindo a floresta e arrastando consigo a poluição e os males para a terra outrora sem males, desde os primeiros anos de colonização. A oração encerra o pedido de proteção para a sobrevivência, mas a percepção é de passagem. Evitando o trocadilho vil, faz referência ao breviário como amuleto que em seu nome eterniza o “aflito/ pedido de proteção” para a cidade.

O perigo que cerca a cidade e a Baía do Marajó, fúria de águas que muitas vezes leva embarcações para o fundo do rio, desperta medo e respeito, faz com que os barqueiros tomem o Estreito de Breves como rota segura de navegação. Atravessar o Estreito é também adentrar-se na floresta, pois é um trecho da viagem em que se pode ver as margens enquanto em outros trechos, na Baía por exemplo, mais parece que estamos em pleno mar. Navegar pelo Estreito de Breves é aprofundar-se na floresta, ver mais de perto as casas e os ribeirinhos, quase tocar as folhas das palmeiras de açai. Ao “varar o

estreito”, atravessando os perigos da Baía, o “grande barco” acaba de “vencer a morte” e chega ao porto seguro, à cidade protegida e abençoada por Sant’Ana que atendeu os pedidos dos viajantes. Assim, chega-se em festa à cidade encravada na mata.

Um aspecto que o visitante da Amazônia percebe é a desordem na formação das cidades que parecem invadir a floresta e serem invadidas por elas. Rios que são ruas e ruas que são rios; casas flutuantes e barcos que são habitações; canoas ancoradas em todos os cantos dividem com as motos e bicicletas o espaço dos meios de transporte. Não temos esquinas, temos curvas de rios e tudo isso conduz a formação do espaço urbano em seu (des)ordenamento.

A religiosidade marcadamente católica e popular, ainda que hoje fortemente atingida pelo protestantismo pentecostal, nos oferece um sem número de festas em cores e brilhos, procissões fluviais, romarias terrestres. Tudo isso faz parte dessa cidade santa, como tantas outras de norte a sul do país, homônimas de cidades portuguesas, mas delas distintas em quase tudo. Breves do Marajó é única porque somente nela há a mistura de “jesuítas e índios/negros caboclos e todos”. Mistura essa que faz do Brasil um lugar com tanto a se descobrir. E quanto mais o olhar do viajante descortina e descobre, mais aflitiva é a sensação de um país de identidades fluidas, por vezes confusas também, que se resolvem nas diferentes frentes, nem sempre possíveis de racionalizar. Os “decibéis aturdidores” são a medida da impossibilidade de compreender a pluralidade de sons que são fortes ruídos, não organizados em linguagem, mas traduzidos em arte, imagem e poesia.

Para finalizar a concisa leitura desse livro, que embora se queira breve, é denso, escolhi o poema que o inicia:

Curva do Rio

Aqui de tão longe
parece sumir
na curva do rio
e não mais
aparecer
e de tão perto
você raio de sol
divide a folha da palmeira
em claro e escuro
num leque
de alegria
(PIRES FERREIRA, 2010, 11)

Um dos dois únicos poemas do livro que é dividido em estrofes, “Curva do Rio” propõe uma quebra da cena em dualidades, mas sem esquina, em curva: o longe e o perto; o sumir e o aparecer; o claro e o escuro. A divisão, operada pelo raio de sol na folha,

resulta na abertura em leque, conotando multiplicação, explosão de sentidos. A abertura do livro é uma festa alegre em luz e cores.

A ordem dos poemas pode não alterar o efeito que o livro causa no leitor porque eles formam um conjunto coeso e equilibrado. No entanto, o primeiro texto pode dar a tônica da leitura e encaminhar o leitor em uma direção ou outra, seguindo sempre o fluxo da navegação. A imagem da alegria que fecha esse poema inicial nos anima a uma leitura instigante. Instiga a virar a curva do rio sem saber o que se vai encontrar adiante.

A um viajante pouco atento possa ser que a paisagem amazônica seja repetitiva, rio e floresta, floresta e rio, entremeada de cidades e vilas avistadas ao longe ou casinha e barcos flutuando. No entanto, é nos detalhes que o visitante se encanta e o olhar do turista aprendiz nos prende. É no raio de sol sobre a folha da palmeira, mas não de qualquer uma, aquela cuja mão humana não plantou e que generosamente dá seus frutos ao ribeirão. Aquela cujo brilho castiga o olhar e deixa entrever apenas a silhueta. O rio é cheio de curvas e a cada uma delas há a possibilidade de um repente, um momento de beleza que emudece o expectador. Essa imagem de algo que surge na curva do rio, do perto-longe, céu e rio, raio de sol dividindo a folha da palmeira num leque de alegria me parece uma síntese perfeita para o encontro e a despedida.

Que imagem mais bela e precisa da pessoa a quem homenageamos. A própria movência da vida incorporada nela. Uma vida intensa, que teve momentos de alegria e de dor que ela enfrentou com altivez de rainha. Sabemos que teve momentos de fragilidade. O humano é pleno também no que é frágil.

Por isso, a imagem que guardamos de Jerusa Pires Ferreira, e que reaparece constantemente, é de alegria e vitalidade. O que fica na memória é a coragem e a força de quem podia envergar, mas não quebrar, como uma linda palmeira de açai.

Referências

PIRES FERREIRA, Jerusa. **Sete cromos para Breves**. São Paulo: Giordanus / Ateliê, 2010

SOBRE O AUTOR:

Edil Silva Costa

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-São Paulo), Professora Titular Plena do Departamento de Linguística, Literatura e Artes e Permanente do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural (Pós-Crítica) da UNEB, Campus de Alagoinhas; integra o Grupo de Pesquisa Núcleo de Tradições Oraís e Patrimônio Imaterial (NUTOPIA) e do

Grupo de Trabalho de Literatura Oral e Popular da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Letras e Linguística (ANPOLL).

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5327-3502>

Recebido: 27/03/2022

Aceito: 27/06/2022